



## UM OLHAR INDISCRETO E DESCONSTRUTIVO SOBRE AS INTERPRETAÇÕES DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Rev. Humberto Maiztégui Gonçalves \*

### 1. A leitura desconstrucionista e o Cântico dos Cânticos

A desconstrução e o Cântico dos Cânticos têm muitos atrativos em comum e possuem uma complementaridade única. A desconstrução é relativamente nova como forma de pensamento; ela se propõe a subverter a ordem, questionar forças e estruturas preestabelecidas, surpreender a quem se encontra em segurança e estimular olhares indiscretos sobre a vida e sobre os textos bíblicos<sup>1</sup>.

O Cântico dos Cânticos, devido às suas particularidades temáticas e culturais, questiona, por exemplo, as predefinições ou pressupostos hermenêuticos sobre a importância dada ao cânon bíblico ou as doutrinas consolidadas na teologia judaico-cristã.

A desconstrução não é, portanto, demolição de todo o conhecimento acumulado pela crítica bíblica, mas propõe seu tratamento prático, não metafísico, com o objetivo maior da redescoberta ou reconstrução de sentidos no texto, tendo como base os elementos que as interpretações anteriores "secundarizaram", deixaram de lado ou instrumentalizaram em favor de pressupostos históricos ou teológicos.

A análise desconstrucionista dos textos bíblicos (e suas interpretações) não nega uma atitude metodológica histórico-crítica, mas busca "aberturas no discurso histórico-crítico, de modo que vozes oprimidas possam falar e, se ouvidas, transformar o discurso"<sup>2</sup>.

São mínimos os aspectos em que o Cântico dos Cânticos tem uma interpretação consolidada e consensual. No entanto, durante muitos séculos existiu uma interpretação hegemônica, que pretendia eliminar do Cântico dos Cânticos qualquer questionamento das incompatibilidades clássicas do pensamento dualista: corpo-alma, mulher-homem, sagrado ou espiritual vs. profano, mundano, sexual ou carnal<sup>3</sup>. Interessa saber até que ponto os pressupostos dualistas do passado continuam presentes, explícita ou implicitamente, nas interpretações contemporâneas.

---

\* O Revd. Humberto Maiztégui é clérigo da Diocese Meridional, professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico Egmont Krischke e Reitor da Paróquia da Graça Divina (Viamão, RS). Esse artigo é um resumo adaptado de sua dissertação de Mestrado, intitulada "Cântico dos Cânticos, uma desconstrução das interpretações contemporâneas", defendida e aprovada no IEPG em Outubro de 2001.

<sup>1</sup> Edgar V. McKNIGHT. *The Bible and the Reader, an introduction to literary criticism*, p.94. 71.

<sup>3</sup> J. W. CORREIA DA SILVA. *A beleza do corpo, uma apreciação do Cântico a partir do corpo*, p.11-12.



A análise desconstrucionista busca, partindo das interpretações feitas na América Latina<sup>4</sup>, num primeiro momento, identificar os pressupostos de cada leitura. Aos poucos vai definindo novos passos de desconstrução rumo a questões específicas como a canonicidade, isto é, os pressupostos sobre a presença do Cântico dos Cânticos na Bíblia; e a intertextualidade, isto é, os pressupostos sobre a relação do Cântico dos Cânticos com os outros textos bíblicos. Finalmente, procurará novas perspectivas de leitura através da participação feminina no Cântico dos Cânticos, que se evidencia, do ponto de vista desconstrucionista, como base para uma nova hermenêutica desse texto.

## 2. Desconstrução das leituras do Cântico dos Cânticos na América Latina

As leituras latino-americanas são confrontadas por campos, ou espaços de interpretação: o temático - analisando o tratamento dado ao tema do Cântico dos Cânticos; o autoral - analisando onde se originou e quem sistematizou o Cântico dos Cânticos; o contextual - analisando qual foi, ou quais foram, os contextos históricos vivenciais do Cântico dos Cânticos; e o formal - analisando a forma como as leituras apresentam o conteúdo do Cântico dos Cânticos, sua unidade ou diversidade.

### 2.1 O tema do Cântico dos Cânticos

Do que trata o Cântico dos Cânticos, segundo a leitura feita na América Latina? O seu tema pode ser definido como "amor erótico"<sup>5</sup>, ou, de forma mais genérica, como poemas que tratam do "âmbito da sexualidade e do erotismo"<sup>6</sup>; outro comentário concentra mais o tema e diz se tratar do "amor sexual"<sup>7</sup>; outras definições incluem componentes emocionais e até morais: "amor apaixonado"<sup>8</sup>; "experiências e descobertas amorosas"<sup>9</sup> ou "amor conjugal"<sup>10</sup>. A princípio, na América Latina, podemos ver que prevalece a idéia da sexualidade presente no Cântico dos Cânticos. No entanto, este aparente consenso inicial esconde profundas divergências hermenêuticas.

Um livro que trata deste tipo de assunto dentro da Bíblia é motivo de preocupação entre os/as biblistas e entre as pessoas a quem dirigem seus trabalhos de interpretação. "É possível imaginar canções de amor em nossas Igrejas e templos?" - pergunta Valmor da Silva - "Que tal incluir poemas profanos em rezas

---

<sup>4</sup> Dentro das interpretações feitas na América Latina estão incluídas versões do Cântico dos Cânticos na Bíblia Sagrada versão Almeida; Bíblia de Jerusalém; Bíblia Sagrada da editora Vozes e a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB).

<sup>5</sup> Júlio Paulo TAVARES ZABATIERO. *A exploração do amor - Uma releitura de Cantares*, p.14

<sup>6</sup> Pablo ANDIÑACH. *Cântico dos Cânticos - o fogo e a ternura*, p. 10.

<sup>7</sup> Tércio MACHADO SIQUEIRA. *Em memória do amor*, p.24.

<sup>8</sup> Valmor DA SILVA. *Amor e natureza no Cântico dos Cânticos*, p.30.

<sup>9</sup> Nancy CARDOSO. *Amor em chamas: uma apreciação de Cantares 8,6-7*, p. 93.

<sup>10</sup> Carlos PINTO. *El Cantar de los Cantares*, p.8.



sagradas? Como poderia figurar um canto erótico em um cancionário litúrgico?”<sup>11</sup>. Este tipo de questionamento mostra, ao mesmo tempo, uma visão conjuntural das Igrejas e seu aparelho doutrinário, e alguns pressupostos carregados pelos/as intérpretes do Cântico dos Cânticos. Erótico é profano e, portanto, não é sagrado! Se a Bíblia é sagrada, e se a Igreja é sagrada, não há nelas um lugar para o erotismo e sexualidade?

Há biblistas que proclamam o caráter sagrado da sexualidade no Cântico dos Cânticos. Mesters afirma que, se está no cânon sagrado, deve-se ler o erotismo e a sexualidade do Cântico dos Cânticos como sagrados; eles não podem ser vistos como questões profanas por natureza<sup>12</sup>. Mas esta ainda não é uma sacralização completa da sexualidade e do erotismo, e sim é feita dentro dos limites de cada interpretação (como também o faz a leitura tradicional, ao vincular o texto ao matrimônio)<sup>13</sup>.

Outro caminho percorrem os/as que entendem que, na Bíblia, sexualidade e sacralidade são questões separadas. Benetti representa bem esta visão ao afirmar: “Na Bíblia, a sexualidade não é algo sagrado, mas também não é algo banal e sem sentido algum. Não é algo divino mas também não é um passatempo”<sup>14</sup>. Para estes/as leitores/as, o Cântico dos Cânticos usaria a sexualidade apenas como uma linguagem natural, sem intenção que não seja aquela que se mostra explicitamente<sup>15</sup>, e sua relação com a vida na ordem social, política e econômica<sup>16</sup>.

As interpretações naturais que retiram o caráter sagrado da sexualidade e do erotismo no Cântico dos Cânticos pretendem resolver ao mesmo tempo a diferença entre a fé de Israel e as práticas culturais dos povos vizinhos. Como afirma Andiñach a sexualidade como manifestação do sagrado seria própria do culto dos povos vizinhos e foi claramente rejeitada pelos profetas<sup>17</sup>. Segundo este mesmo autor, sexualidade seria algo comum, do cotidiano, algo natural e, portanto, não sagrado. No entanto, há elementos do cotidiano citados pelo autor, especialmente o descanso, um dos assuntos mais sagrados para Israel (Gn 2: 1-3, entre outros). Em segundo lugar, ele nega, a priori, que a sexualidade seja sagrada em Israel por causa da sua rejeição legal (Dt 23:17-18, entre outros)<sup>18</sup> e da sua condenação profética (Os 4,13-14, entre outros). Mas o que dizer então de Ct 8,6, o qual afirma que o amor é mais forte do que a morte, e que o ciúme é fogo de Javé? Deveria então ser considerada a possibilidade de que nesta parte da Bíblia, chamada Cântico dos Cânticos, o natural seja ver a sexualidade como algo sagrado. Então, o Cântico dos Cânticos, ofereceria a

---

<sup>11</sup> Valmor DA SILVA. op. cit., p. 30. Carlos, MESTERS. *Sete chaves de leitura para o Cântico dos Cânticos*, p.9. Milton SCHWANTES. *Debaixo da macieira - Cantares à luz de Ct 8,5-14*, p. 48. Carlos PINTO. op. cit., p.8; entre outros.

<sup>12</sup> Carlos MESTERS. *Sete chaves de leitura para o Cântico dos Cânticos*, p.9

<sup>13</sup> N. CARDOSO. *Ah!...Amor em delícias!*, p.50.

<sup>14</sup> Santos BENETTI. *Sexualidade e erotismo na Bíblia*, p. 314.

<sup>15</sup> P. ANDIÑACH, op. cit., p. 14.

<sup>16</sup> L. STADELMANN, op. cit., p. 58.

<sup>17</sup> P. ANDIÑACH, *Cântico dos Cânticos, o fogo e a ternura*, p. 16.

<sup>18</sup> Conforme numeração masorética. BÍBLIA SAGRADA. *Tradução de Almeida*. Dt 23, 17-18.



outra face da moeda em relação à visão legal e profética da sexualidade feminina, mostrando que "tudo é purificado pelo fogo do amor"<sup>19</sup>.

Outros comentários conseguem superar esta dicotomia entre o profano e o sagrado em relação ao tema do Cântico dos Cânticos. Tamez indica, no seu comentário, que o texto do Cântico dos Cânticos pode ser visto a partir de muitos ângulos, através da abertura do texto para múltiplos sentidos (polissemia). Assim é possível entender o amor humano como amor divino (de forma mais antropológica) ou o amor divino como amor humano (numa forma mais teológica)<sup>20</sup>. Ou ainda, como afirma Nancy Cardoso: "resgatar a experiência de vida que sustenta o texto dos Cânticos significa evidenciar a pertença que os textos sagrados têm com a sacralidade esparramada na vida e no corpo. A Bíblia, assim, é memória dos pobres, homens e mulheres que experimentam Deus misturado no cotidiano"<sup>21</sup>.

## 2.2 A autoria do Cântico dos Cânticos

A discussão neste campo tem girado ao redor de uma construção feita a partir da menção a Salomão, no primeiro versículo do Cântico dos Cânticos. Essa alusão é geralmente traduzida como: "Cântico dos Cânticos de Salomão"<sup>22</sup> ou "O mais belo cântico de Salomão"<sup>23</sup>. Isso seria uma atribuição posterior a uma personalidade notória (pseudo-epígrafe) comum na antigüidade? Mas como explicar as outras seis menções a Salomão presentes no Cântico dos Cânticos?

Na América Latina, os defensores da autoria salomônica são principalmente os biblistas evangélicos (isto é, evangélicos conservadores)<sup>24</sup>. Carlos Pinto, dentro desta linha de interpretação, entende que, mesmo que se possa interpretar Ct 1,1 como mera referência, isto não elimina a possibilidade da autoria salomônica.

Do outro lado ficam quase todas as outras interpretações latino-americanas. Andiñach, apresenta a mais completa argumentação contra a autoria salomônica:

- a) A forma como Davi é mencionado em Ct 4,4 dificilmente corresponderia à maneira como um filho falaria do seu pai.
- b) A menção à vinha de Salomão (Ct 8,8) não é feita desde a ótica do dono, nem de algum contemporâneo, já que fala em tempo passado ("tinha uma vinha").
- c) Em Ct 8,12 se rejeita a riqueza de Salomão com palavras duras, hostis ao rei.
- d) Há incompatibilidades lingüísticas entre o título (Ct 1,1) e o resto do livro, pois essa forma hebraica usada no começo não corresponde à linguagem geral, mostrando claramente ser um acréscimo.<sup>25</sup>

Tudo indica que o Cântico dos Cânticos carrega Salomão de forma paradoxal. Por um lado é uma figura legitimadora do texto, conferindo-lhe "importância e

<sup>19</sup> Nancy CARDOSO. *Amor em chamas: uma apreciação de Cantares 8,6-7*, p. 98.

<sup>20</sup> Elsa TAMEZ. *Un nuevo acercamiento a el Cantar de los Cantares*, p.19.

<sup>21</sup> N. CARDOSO. *Ah!...Amor em delícias!*, p.59.

<sup>22</sup> BÍBLIA SAGRADA. *Tradução de Almeida. Edição Missionária*, p. 600. P. ANDIÑACH, op. cit., p.49.

<sup>23</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Paulinas*, p. 1185.

<sup>24</sup> Bíblia de Estudo de Genebra, p.778.

<sup>25</sup> P. ANDIÑACH, op. cit., p..21.



aceitação<sup>26</sup>. Por outro lado, comentários olham para Salomão como símbolo do poder dominante que está sendo rejeitado (Ct 8,11-12)<sup>27</sup>. Apesar do paradoxo salomônico causado pela comparação de textos aparentemente favoráveis à monarquia, como Ct 1,1; 1,4; 3,6-11 - o que reforçaria a tese de Stadelmann, segundo a qual o Cântico dos Cânticos faria uma exaltação utópica da monarquia<sup>28</sup> -, com textos como Ct 8, 7b e 11-12 - que dariam razão à tese anti-monárquica - não sendo possível acreditar que essas referências a Salomão sejam uma auto-reflexão, e muito menos uma autocrítica, feita pelo rei ou seus escribas. A figura do rei é vista de fora, mesmo nos textos favoráveis, e com distanciamento histórico, ao usar sempre o tempo passado. Esses argumentos vivenciais levantados no texto tornam mais aceitável a argumentação que abandona a hipótese de uma autoria salomônica.

### 2.2.1 O judeu piedoso do pós-exílio

Dentro da hermenêutica latino-americana, apresentam-se desde 1957 diversas alternativas. Estevão Bittencourt, um dos primeiros a rejeitar a autoria salomônica e colocar o Cântico dos Cânticos no contexto pós-exílico, indica que o autor seria "um judeu para nós anônimo, mas certamente piedoso e bem versado em textos bíblicos, tendo escrito (...) talvez no século IV a.C."<sup>29</sup>. Nasce assim a hipótese do "judeu piedoso". Esta hipótese se rende aos argumentos contra a autoria salomônica, mas se preserva contra as ameaças que podem vir do tema do erotismo e da sexualidade. Um "judeu piedoso" jamais teria escrito nada que ferisse a lei sacerdotal (Lv 15), o pensamento profético - que condena os cultos da fertilidade - ou que exaltasse o prazer sexual, visto como uma armadilha pela teologia sapiencial (Pr 7, 1-27, entre outros).

A mesma hipótese, mantida na atualidade por Stadelmann, entende que a intencionalidade autoral desse "judeu pós-exílico" seria conquistar a simpatia de outros judeus que não tinham sido exilados na Babilônia e conseguir uma "coesão social", entre estes e os repatriados do exílio, que permitisse o resgate das tradições judaicas em Judá e na diáspora<sup>30</sup>.

### 2.2.2 A autoria feminina

A mais forte argumentação a favor da autoria feminina, mas com ênfase individual, se encontra, dentro da pesquisa latino-americana, no comentário de Pablo Andiñach. Ele começa afirmando que a predominância feminina nos poemas do Cântico dos Cânticos é praticamente natural, e não seria necessário nem sequer argumentar a favor da autoria feminina se não fosse a "mentalidade estreita que acha estranho um mulher poder ser autora de um livro da Bíblia". É possível analisar a

<sup>26</sup> N. CARDOSO. *Ah! ... Amor em delícias!*, p.50. - J. W. CORREIA DA SILVA, op. cit., p. 16.

<sup>27</sup> M. SCHWANTES, op. cit., p. 47: Indica que se trata de um texto com características anti-salomônicas. - Valmor DA SILVA. *Amor e natureza no Cântico dos Cânticos*, p.31.

<sup>28</sup> Luís STADELMANN. *O Cântico dos Cânticos: uma interpretação histórico-política*, p. 58.

<sup>29</sup> Estevão BITTENCOURT. *O Cântico dos Cânticos*, p.27.

<sup>30</sup> Luís STADELMANN. *O Cântico dos Cânticos: uma interpretação histórico-política*, p. 17.



argumentação de Andiñach como questionamentos à hipótese da autoria masculina: Como poderia um homem escrever - ou, preferivelmente, sistematizar - uma coleção de poemas dominados pela sensibilidade feminina, onde a voz da mulher abre e fecha o livro, onde a mulher fala diretamente e em primeira pessoa, e onde os poemas não são contados por um narrador, como acontece em Rute e Ester?<sup>31</sup>

A argumentação a favor da autoria feminina tem o grande mérito de resgatar o sentido geral das poesias do Cântico dos Cânticos, ou até o seu sentido original feminino; não há por que descartar que em algum momento estes poemas tenham sido uma forma de resistência feminina.

O campo autoral carrega de forma velada pressupostos consagrados na modernidade, dentro da chamada propriedade intelectual. Essa busca pelo iluminado, o dono do saber, tem gerado vários obstáculos para a pesquisa bíblica. Em geral, a autoria individual não é um pressuposto válido para o processo de sistematização das poesias do Cântico dos Cânticos, a qual possivelmente aconteceu através de um longo processo de memória oral<sup>32</sup>. Ct 1,1, que indica uma ligação entre a coleção de poesias e o rei Salomão, entendido como acréscimo ou como referência autoral, jamais significaria "propriedade intelectual", mas uma espécie de patrocínio histórico ou ideológico. No entanto, essas tendências levam a buscar aí um autor, símbolo da sabedoria oficial israelita, esquecendo as divergências internas no texto.

A pesquisa é influenciada pela idéia linear evolucionista aplicada ao saber. Resulta extremamente difícil perceber que, num mundo hegemonicamente patriarcal e androcêntrico, pudesse haver espaço para a expressão, ou autoria, feminina. Parece ainda mais difícil acreditar que muitas vezes a concepção da sexualidade - depois regulamentada e instrumentalizada por homens - tivesse origem feminina<sup>33</sup>.

### 2.3 Os possíveis contextos históricos do Cântico dos Cânticos

O Cântico dos Cânticos resiste fortemente a análises descontextualizadas, pois sua linguagem aponta para fora de sistemas teológicos ou morais e para dentro de corpos sexuais, sociais, econômicos e políticos.

Os que tendem a defender a autoria salomônica (como foi discutido antes), definem seu contexto dentro da monarquia unida de Israel (século 10º a.C.). No entanto, se engana quem pensa que esta seja uma hipótese superada.

Na maior parte dos comentários se aponta para contexto pós-exílico, isto é, a segunda metade do século V a.C. até o século IV a.C. (450 - 300 a.C.), sempre incluindo o período da reforma sacerdotal - patrocinada e tutelada pelo Império Persa - sob a supervisão de Esdras e Neemias<sup>34</sup>. Essa contextualização conta com duas hipóteses opostas.

<sup>31</sup> P. ANDIÑACH. *Cântico dos Cânticos, o fogo e a ternura*, p.12-13.

<sup>32</sup> N. CARDOSO, op. cit., p. 50.

<sup>33</sup> J. W. CORREIA DA SILVA, op. cit., p. 43. - P. ANDIÑACH, op. cit., p. 45.

<sup>34</sup> P. ANDIÑACH, op. cit., p. 21. N. CARDOSO, op. cit., p. 51.



De um lado, na maioria dos comentários, os poemas do Cântico dos Cânticos são vistos como uma manifestação anti-sacerdotal, cuja ideologia e teologia era o sistema de pureza e impureza. A teologia sacerdotal pós-exílica separava as pessoas em dois grupos: os puros (sacerdotes repatriados e os que seguiram os seus ensinamentos sobre a Torah) e os impuros (povo que ficou na Palestina e que se contaminou, ao não seguir a lei e casar com mulheres estrangeiras).

Do outro lado se encontra a hipótese hermenêutica de Luís Stadelmann. Ele considera as figuras de Salomão e a da Sulamita positivamente. Ambos representariam a esperança da reconstrução nacional no pós-exílio<sup>35</sup>. Os poemas do Cântico dos Cânticos não estariam denunciando os abusos da reforma sacerdotal pró-persa de Esdras e Neemias mas, anteriormente a ela, no contexto dos primeiros anos do pós-exílio (538 a 450 a.C.); eles estariam, junto com as profecias de Ageu e Zacarias, defendendo a reconstrução do Templo de Jerusalém e olhando para Zorobabel - funcionário do império persa e descendente de Davi - como Messias reconstrutor da monarquia em Israel<sup>36</sup>.

Um terceiro caminho de interpretação prefere não usar um pressuposto histórico fixo, mas ver o sentido social, político, econômico e cultural-ideológico-teológico a partir dos indicativos explícitos no texto. Pode-se verificar essa tendência em estudos como o de Schwantes, da Silva e Tamez, que se inscrevem dentro da teoria anti-salomônica (isto é, oposta a Stadelmann) mas interpretam a oposição a Salomão como uma denúncia contra qualquer sistema tributário em qualquer época<sup>37</sup>.

Mesmo que o processo de composição indique que alguns poemas venham de épocas pré-monárquicas, e portanto estivessem sendo cantados durante o período salomônico, não há indícios de que o Cântico dos Cânticos represente a visão, ou versão, monárquica da sexualidade

### **2.4 Como se apresenta o Cântico dos Cânticos: unidade ou diversidade, livro ou coletânea?**

Os pressupostos formais e estruturais nascem da análise do Cântico dos Cânticos como uma obra literária pronta. O/a leitor/a poderia se contentar em ler cada poesia separadamente? Poderia evitar costurar ligações entre os poemas? Na verdade, encontramos aqui outro paradoxo do Cântico dos Cânticos. Por um lado, as mulheres e homens mencionados parecem surgir, desaparecer e reaparecer; se encontrar e se afastar; e parece até que toda a obra quer levar leitores/as a um clímax final. Existem refrões que se repetem, como se todo o Cântico dos Cânticos tivesse diferentes movimentos, como uma sinfonia ou uma ópera. Mas quando o/a leitor/a começa a se entusiasmar com a unidade, ele colide com incoerências, contradições, mudanças inesperadas e literariamente discordantes, seja na forma ou na linguagem. Aí, o Cântico dos Cânticos parece voltar a ser uma coletânea de poemas que alguém tentou sistematizar de uma forma bela e entusiasta. Entre estes

<sup>35</sup> L. STADELMANN, op. cit., p. 58.

<sup>36</sup> L. STADELMANN, op. cit., p. 55-56.

<sup>37</sup> M. SCHWANTES. *Debaixo da macieira. Cantares à luz de Ct 8,5-14*, p. 47.



paradoxos nascem as mais diversas teorias sobre a estrutura do Cântico dos Cânticos<sup>38</sup>.

Os defensores da autoria salomônica, como Carlos Pinto, não hesitam em dizer que o Cântico dos Cânticos é “o canto mais excelso de um grande compositor”, e que toda a obra mostra usos gramaticais comuns e uma progressividade lógica do tema na qual os amantes vão ganhando maior intimidade<sup>39</sup>.

Outros/as leitores/as que rejeitam a autoria salomônica, mesmo entendendo o Cântico dos Cânticos como uma coletânea de poemas, defendem a unidade na composição final da obra, visualizando estrofes demarcadas pelo refrão das “filhas de Jerusalém” (Ct 1,5; 2,7; 3,5; 5,8 e 8,4).

Em síntese, a partir da crítica de como o Cântico dos Cânticos é apresentado nas leituras feitas na América Latina, não é possível apostar numa única hipótese, mas deve-se buscar pistas tanto de unidade quanto de diversidade como: temas recorrentes, refrões, gêneros literários, cenários, personagens, analogias e contradições. Assim é possível visualizar diversas estruturas sobrepostas, em tensão dialética, dentro de cada poema e nas relações entre grupos de poemas.

O Cântico dos Cânticos parece resistir a chaves de leitura que busquem na sua estrutura um critério hermenêutico, seja pela sua unidade ou pela sua diversidade. Essa postura aberta deve permitir visualizar pequenas unidades (poema a poema) que, por sua vez, podem carregar evidências de acréscimos e modificações no seu processo de formação. Também deve permitir visualizar unidades maiores, e grupos de poemas unidos pelo tema ou pela linguagem.

### 3. As muitas formas de leitura do Cântico dos Cânticos

Após a desconstrução dos pressupostos das interpretações latino-americanas contemporâneas, é possível partir para a crítica da classificação das diferentes leituras feitas no decurso da história da interpretação do Cântico dos Cânticos. Estas formas de interpretação aparecem classificadas em boa parte dos comentários, e são analisadas de maneira diversa e, por vezes, contraditória pelos/as leitores/as da atualidade.

Um levantamento dentro das classificações apresentadas nos comentários latino-americanos permite listar as seguintes formas:

- a) Leituras *alegóricas*, que não buscam a fonte de sentido no conteúdo explícito, erótico-sexual, mas num suposto sentido teológico e espiritual oculto no texto<sup>40</sup>.
- b) Leituras *naturalistas*, que seguem o sentido evidente no texto, isto é, o sentido erótico-sexual<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> L. STADELMANN, op. cit., p. 52.

<sup>39</sup> Carlos PINTO. *El Cantar de los Cantares (primera de tres partes)*, p.10.

<sup>40</sup> L. STADELMANN, op. cit., p. 49. - C. F. D'ARAÚJO FILHO. *Cantares: celebração, poesia, devoção*, p.43. - E. TAMEZ, op. cit., p.10, 14-15. - Carlos MESTERS. *Sete chaves de leitura para o Cântico dos Cânticos*, p.10.12. - P. ANDIÑACH, op. cit., p. 14, entre outros.

<sup>41</sup> E. TAMEZ, op. cit., p. 11. - L. STADELMANN, op. cit., p. 51. - C. PINTO, op. cit., p. 40. - P. ANDIÑACH, op. cit., p.14-15, entre outros.



- c) Leituras *míticas*, também chamadas de culturais ou litúrgicas que, dentro do sentido erótico-sexual, buscam a ligação com outros textos, cultos e práticas rituais do Antigo Oriente<sup>42</sup>.
- d) Leituras *tipológicas*, que podem ser uma variante das leituras alegóricas<sup>43</sup>. No entanto, este termo é usado para denominar o tipo de leitura feito por Falk, que busca o resgate do valor simbólico da linguagem dentro do sentido erótico-sexual do texto<sup>44</sup>.
- e) Leituras *históricas*, que tentam de diversas formas encontrar o lugar vivencial do Cântico dos Cânticos dentro da história de Israel. Dentro delas estão as que seguem o sentido erótico-sexual do texto e as que se aproximam das leituras alegóricas (alegoria histórica)<sup>45</sup>.
- f) Leituras *hermenêutico-simbólicas*, que, mantendo-se dentro do campo do sentido erótico-sexual do texto, buscam colocar o tema do Cântico dos Cânticos em discussão teológica com as etiologias de Gn 2-3<sup>46</sup>.
- g) Leituras *lúdicas*, que, também dentro do sentido erótico-sexual, tentam ver nos poemas do Cântico dos Cânticos um jogo de amor-paixão-desejo<sup>47</sup>.
- h) Leituras *fenomenológicas*, que tentam fazer a ponte entre as leituras alegóricas e as naturais sem negar nenhuma das duas, buscando uma sexualidade moralmente aceitável à doutrina teológica evangélica<sup>48</sup>.
- i) Leituras *oníricas*, que exploram o sentido sexual-erótico como um jogo do imaginário com um certo acento psicanalítico.

O levantamento mostra que, apesar das diferenças entre as leituras e dos conflitos de entendimento sobre o que seria uma ou outra das formas classificadas, elas tendem a se agrupar em três núcleos:

- a) *Alegóricas*: negam a centralidade da sexualidade dentro do Cântico dos Cânticos, e interpretam o texto a partir da interpretação de outros textos bíblicos.
- b) *Naturais*: afirmam a centralidade da sexualidade, e procuram, em geral, manter-se dentro de uma intertextualidade bíblica.
- c) *Míticas* ou *litúrgicas* ou *culturais*: afirmam a centralidade da sexualidade, mas enfatizando as evidências literárias e arqueológicas do contexto extra-bíblico.

### 3.1 As leituras alegóricas

Este tipo de leitura não aceita o Cântico dos Cânticos como poesias de erotismo e sexualidade, e entende que "não havia razão para o Cântico constar na Bíblia, a menos que seu significado fosse outro e não seu sentido óbvio e natural"<sup>49</sup>. Por isso, as leituras alegóricas usaram como argumento principal o princípio de que "sendo a

<sup>42</sup> C. MESTERS, op. cit., p. 10. - L. STADELMANN, op. cit., p. 50, entre outros.

<sup>43</sup> Id. *ibid.*, p. 49.

<sup>44</sup> E. TAMEZ, op. cit., p. 30-33.

<sup>45</sup> C. MESTERS, op. cit., p. 10.

<sup>46</sup> E. TAMEZ, op. cit., p. 43-44. Tamez classifica assim a leitura de Phyllis Trible e Francis Landy.

<sup>47</sup> Idem, p.4.

<sup>48</sup> C. F. D'ARAÚJO FILHO, op. cit., p. 48.

<sup>49</sup> P. ANDIÑACH, op. cit., p. 15.



Bíblia um livro teológico, não é possível que os autores da antigüidade tivessem incluído um livro profano entre a literatura sagrada<sup>50</sup>.

Dentro da interpretação bíblica cristã, a leitura alegórica deixou evidências nos textos de Hipólito de Roma (165-235), Atanásio de Alexandria, Jerônimo, Agostinho e Gregório<sup>51</sup>, e teve seu mais importante representante em Orígenes (185 - 251 ou 254 d.C.<sup>52</sup>). Esse tipo de leitura, que também pode ser classificada como tipológica<sup>53</sup>, identifica o noivo com Cristo, e a noiva, com a Igreja. As leituras alegóricas consistem então em deslocar o eixo textual do desejo e da sexualidade para o eixo teológico da relação entre Deus e seu povo, através de uma atribuição de significado aleatória ao texto<sup>54</sup>.

Na prática, esta leitura des-erotiza, des-feminiza e des-corporaliza o Cântico dos Cânticos. Um conjunto de poemas que nunca menciona Deus, pelo menos diretamente, acaba sendo transformado, sob o argumento do resgate de algum sentido original, em um livro da aliança entre Javé e seu povo.

Nas leituras latino-americanas Stadelmann e Machado Siqueira parecem querer resgatar a forma alegórica de leitura mesmo que o neguem. Aparentemente, há uma grande diferença entre as duas interpretações, pois enquanto Machado Siqueira tem dificuldades em buscar evidências textuais ligando o Cântico dos Cânticos à Páscoa num tipo de "alegoria litúrgico-teológica", Stadelmann mergulha dentro do texto com um arsenal de métodos exegéticos. Apesar do seu aparente rigor exegético, o produto do trabalho de Stadelmann se mantém dentro do mesmo quadro teológico alegórico, só que como uma "alegoria histórico-política" e não litúrgica, como a anterior.

### 3.2 As leituras naturais

A princípio, as leituras naturais, que reconhecem o sentido erótico e corpóreo do Cântico dos Cânticos, se apresentam como opostas às leituras alegóricas. Esta postura leva a buscar no texto poesia de amor humano<sup>55</sup>. Sua hermenêutica aponta para a relação erótico-sexual entre mulher e homem, para o desejo e para as utopias amorosas que são celebradas através da poesia. Este tipo de interpretação não demorou muito a aparecer no cenário das interpretações do Cântico dos Cânticos. Seu inaugurador foi Teodoro de Mopsuéstia (360 - 429), que entendeu naturalmente que este conjunto de poemas fala efetivamente sobre erotismo e sexualidade e, em função desta interpretação, defendeu a exclusão do Cântico dos Cânticos do cânon bíblico. Mopsuéstia foi condenado postumamente por sua interpretação, em 553<sup>56</sup>, devido à hegemonia das leituras alegóricas na interpretação oficial da Igreja. No século XVI, Sebastião Castellio (1515 - 1563)<sup>57</sup> também acabou sendo expulso da sua

<sup>50</sup> Idem, p. 26. - Arnaldo Amoroso Corrêa. *Mulher: interpretação do livro de Cantares*, p.2

<sup>51</sup> C. PINTO, op. cit., p. 16.

<sup>52</sup> Bengt HÄGGLUND. *História da Teologia*, p. 52.

<sup>53</sup> C. PINTO, op. cit., p. 18.

<sup>54</sup> Idem, p.17.

<sup>55</sup> E. TAMEZ, op. cit., p. 11. - C. MESTERS, op. cit., p. 10.

<sup>56</sup> C. PINTO. *El Cantar de los Cantares (segunda de tres partes)*, p. 42.

<sup>57</sup> Williston WALKER. *História da Igreja Cristã (vol.II)*, p.78.



igreja por Calvino, porém defendia mais uma vez a retirada do Cântico dos Cânticos do cânon bíblico.

No século XX, este tipo de leitura se apresenta como uma reação à espiritualização do Cântico dos Cânticos promovida pelas leituras alegóricas. Há, então, um resgate do seu sentido empírico e antropológico<sup>58</sup>. Abrem-se dois caminhos de interpretação que estão presentes na pesquisa latino-americana: um primeiro caminho tenta enquadrar a sexualidade e o erotismo do Cântico dos Cânticos dentro de moldes próprios da moral eclesiástica oficial, onde a única forma admissível de sexo é dentro do vínculo matrimonial.

A leitura moralista volta, através de uma leitura natural, a masculinizar o texto, centralizando-o em Salomão. Dá ao texto um sentido propedêutico, como também faz quem defende o caráter sapiencial do Cântico dos Cânticos, mas só consegue interpretá-lo colocando-o dentro de restritos moldes morais estranhos à sociedade e à cultura do Antigo Oriente, e até mesmo de Israel.

Outra vertente dessas leituras naturais dá ênfase ao caráter humano do amor sexual e erótico, independentemente de padrões morais. Todas elas são tentativas de olhar, no Cântico dos Cânticos, o amor em si, de ver a atração corporal na sua própria beleza e nas imagens que promove dentro de uma expressão lírica e bíblica.

### 3.3 Leituras mítico-cultuais

As leituras míticas nascem da comparação das poesias contidas no Cântico dos Cânticos com o acervo de poesias eróticas comuns no Antigo Oriente. Mesmo que não se possa afirmar que o Cântico dos Cânticos seja mera cópia ou compilação de poesias provenientes de cultos da fertilidade do Antigo Oriente, existe um evidente paralelismo<sup>59</sup>.

O problema levantado por este tipo de interpretação é mais teológico do que textual. Afirma-se, direta ou indiretamente, que há uma teologia implícita no Cântico dos Cânticos, e que ela envolve divindades femininas que eram referências cultuais da sexualidade em todo o Antigo Oriente. Então, em uma tendência recorrente, os questionamentos se voltam para a canonicidade: "Os rabinos judeus de nenhuma forma permitiriam que um livro com tais conexões idólatras chegasse a ter um lugar no cânon" - afirma Pinto<sup>60</sup>.

Ao se comparar o Cântico dos Cânticos com as poesias dos cultos da fertilidade e suas deusas, fica a pergunta: é possível entender poesia feminina de erotismo sagrado sem vinculá-la de uma forma ou outra às divindades femininas da fertilidade?

Já que se admite com certa naturalidade que em Israel houve uma assimilação do deus El, não poderiam também aqui existir evidências de uma assimilação da Deusa-Mãe? Neste sentido, outros textos bíblicos, como o Trito-Isaías, 66,11.13, também do período pós-exílico, desafiam a ver o lado materno de Deus: "...para que mameis e vos farteis dos peitos das suas consolações, para que sugueis e vos

<sup>58</sup> C. MESTERS, op. cit., p. 10. - L. STADELMANN, op. cit., p. 52.

<sup>59</sup> Tércio MACHADO SIQUEIRA. *Em memória do amor*, p.24.

<sup>60</sup> C. PINTO, op. cit., p. 40.



deleiteis com a abundância da sua glória (...) como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados”<sup>61</sup>.

Os questionamentos que podem ser feitos à leitura mítica se referem ao caráter de denúncia que assumem alguns dos poemas: contra os irmãos (filhos da mãe), Ct 1,6; e contra a desapropriação da propriedade por parte do rei, Ct 8,11-12. Esse tipo de denúncia é tipicamente israelita, e não pertence ao estilo geral dos cultos de fertilidade.

Existe, no entanto, o impasse entre a paternidade ou maternidade teológica no Cântico dos Cânticos. Admitir que sejam cantos de amor totalmente profanos parece ser algo pouco provável no contexto do Antigo Oriente. Admitir que sejam cantos de amor que têm como referência teológica um deus masculino parece ser pouco provável, tanto na cultura regional quanto no próprio texto onde a figura paterna não aparece em nenhum momento. Poderia haver uma divindade materna implícita? Como perspectiva de desconstrução da teologia do Cântico dos Cânticos, esta é um hipótese possível.

#### **4. A desconstrução das interpretações como problematização hermenêutica do Cântico dos Cânticos**

A problematização do Cântico dos Cânticos a partir da desconstrução das interpretações contemporâneas na América Latina abre espaços em todas as frentes, espaços estes que poderão ser explorados na busca da diversificação das verdades que até hoje foram usadas como hipóteses e pressupostos de leitura.

As interpretações latino-americanas do Cântico dos Cânticos em geral admitem o sentido natural do texto. O Cântico dos Cânticos tem como tema o erotismo e sexualidade. Mesmo que isto seja considerado um grande avanço bíblico-teológico, não tem sido superada a discussão de fundo, que é a relação entre o sexual-erótico e o sagrado. Alguns se negam a ver na sexualidade algo sagrado do ponto de vista da fé de Israel; outros admitem que tenha algo de divino mas não trabalham a idéia de que tipo de teologia seria essa; outros, finalmente, ignoram o assunto.

As novas perspectivas que vão se abrindo na desconstrução das interpretações latino-americanas indicam pistas de alguns desafios que poderiam guiar uma nova leitura do Cântico dos Cânticos:

- a) Poesias de sexualidade e erotismo, que exprimem o desejo e a paixão numa ótica não moralista, não dualista, não legalista.
- b) Poesias originariamente femininas e coletivas, que, mesmo sofrendo na sua fase final acréscimos masculinizantes, conseguem superar o individualismo autoral e se opõem às definições androcêntricas de canonicidade e intertextualidade.
- c) Poesias pluri-contextuais, que indicam o poder feminino, em diferentes épocas, como expressão de uma sexualidade integrada a todos os aspectos da vida pessoal, familiar e social.

---

<sup>61</sup> Bíblia Sagrada ( Tradução Almeida) Edição Missionária, p.652-653.



- d) Poesias que desafiam a descobrir uma unidade dinâmica além de formalismos, unidade esta que não impeça a diversidade e sentidos.
- e) Poesias que mostram que a fé de Israel nunca foi tão monolítica nem jamais esteve tão "pronta", mas que essa fé, como pode estar mostrando a teologia do Cântico dos Cânticos, foi um processo de assimilação e revelação, que admitiu as mais variadas influências, dentro das quais pode estar o caráter feminino e materno de Deus.

O Cântico dos Cânticos tem sido visto como ameaça para os que desejam enquadrar teologicamente toda Bíblia, ou que desejam construir padrões universais a partir dos textos bíblicos. As tentativas de retirar estes poemas da Bíblia fracassaram; no entanto, novas tentativas buscam enquadrá-los dentro de critérios rígidos de canonicidade e intertextualidade que inviabilizam seu potencial desconstrutor e questionador de pressupostos consagrados doutrinariamente como "verdades imutáveis" da exegese, hermenêutica e teologia bíblicas.

### **6. Desconstrução das hipóteses sobre a canonicidade e intertextualidade no Cântico dos Cânticos**

É necessário que a tarefa de desconstrução atinja de forma conjunta a canonicidade e a intertextualidade, pois ambas as questões estão unidas pela pergunta sobre o lugar do Cântico dos Cânticos na Bíblia. Como o Cântico dos Cânticos chegou a ser considerado um texto sagrado e incluído no rol bíblico? Até que ponto a relação do Cântico dos Cânticos com outros textos bíblicos o define como sagrado e pode se tornar sua chave de leitura? Muitas hipóteses são tecidas dentro destes questionamentos

#### **6.1 O processo de canonização do texto**

Snaith apresenta cinco hipóteses que se propõem a explicar o processo de canonização do Cântico dos Cânticos. A primeira hipótese analisa a canonicidade a partir do Concílio de Jâmnia (90 d.C.), sobre o qual se tem o testemunho de Akiba e de alguns textos posteriores do judaísmo<sup>62</sup>. A segunda hipótese é construída a partir do uso do Cântico dos Cânticos como um dos cinco "megillot", ou textos litúrgicos das festas judaicas<sup>63</sup>. A terceira hipótese indica que a atribuição do Cântico dos Cânticos a Salomão teria provocado sua canonização, indicando também que o/os redator/es teriam intencionalidade querigmática com referência a assuntos monárquicos e proféticos (1 Rs 4,32)<sup>64</sup>. A quarta hipótese parte das metáforas matrimoniais nos textos proféticos para falar da relação entre Israel e Deus<sup>65</sup>. Dentro desta hipótese, o Cântico dos Cânticos teria sido canonizado como uma variação destas metáforas proféticas. E, na quinta hipótese, se entende a canonicidade como um longo processo

<sup>62</sup> John SNAITH. *Song of Songs*, p.3.

<sup>63</sup> Idem, p.4.

<sup>64</sup> J. SNAITH, op. cit., id. ibid.

<sup>65</sup> Idem, p. 6.



de assimilação, desmitologização, re-teologização e liturgização dos poemas oriundos dos cultos da fertilidade<sup>66</sup>.

### 6.1.1 A alegorização e Jâmnia

A primeira hipótese corresponde à teoria mais mencionada em comentários do Cântico dos Cânticos. Muitos/as leitores/as aceitam passivamente o fato de que o Cântico dos Cânticos foi incluído no cânon por ocasião da suposta reunião rabínica de Jâmnia em 90 d.C. No entanto, esta hipótese pode começar a ser desconstruída partindo do testemunho do próprio Akiba, o qual se incomodava com o fato do Cântico dos Cânticos ser também usado como canto secular em banquetes<sup>67</sup>. Pope registra que, para alguns intérpretes, a denúncia de Akiba sobre o uso secular do Cântico dos Cânticos, por volta do século primeiro de nossa era, indicaria a possibilidade de que ele estivesse até esse momento fora do cânon<sup>68</sup>.

No entanto, Jâmnia pode ter sido apenas um momento de discussão sobre o caráter sagrado do Cântico dos Cânticos, e sobre o seu sentido dentro da teologia rabínica. No entanto, Brenner levanta objeções ao poder normativo de Jâmnia. A discussão pode apenas indicar que havia um "processo de canonização em progresso" ("*process of canonization in progress*")<sup>69</sup>. A canonização como processo aparece mencionada em diversos estudos sobre a canonicidade no AT, inclusive no polêmico Childs<sup>70</sup>.

A alegorização foi o fato decisivo para a compreensão, e não necessariamente para a canonização, do Cântico dos Cânticos no judaísmo e no cristianismo, tendo como custo a supressão do seu sentido original<sup>71</sup>. Pope vê aqui um "Diálogo Judeu-Cristão" ("*a Judaeo-Christian dialogue*"). Nas homilias rabínicas e na leitura de Orígenes, essa conexão alegórica, que se estendeu até o quarto século, é evidente. Posteriormente, as alegorias do Cântico dos Cânticos foram usadas para ataque mútuo entre judeus e cristãos, como mostram Crisóstomo e Rabi Azarias, direcionando sua interpretação para a relação que ambas religiões mantinham com o Império Romano cristianizado<sup>72</sup>.

### 6.1.2 A primeira das "megilot"

<sup>66</sup> Idem, p. 5-6.

<sup>67</sup> Idem, p.6-8. Marvin H. POPE (*Song of Songs*, p. 19), Athalya BRENNER (*The Song of Songs – Old Testament Guides*, p. 25), e outros.

<sup>68</sup> M. POPE, op. Cit., p. 19. – Víctor Morla ASENSIO (op. cit., p. 397).

<sup>69</sup> A. BRENNER, op. cit., p. 25. - Giovanni RAVASI (*Cântico dos Cânticos. Pequeno Comentário Bíblico AT*, p.34-35) entende o Cântico dos Cânticos, assim como Jó, como uma "obra aberta", um "*work in progress*".

<sup>70</sup> B.S. CHILDS– *Introduction to the Old Testament as Scripture*, p.57.

<sup>71</sup> A. BRENNER. op. cit., p. 25. – Roland E. MURPHY. *The Song of Songs . A commentary on the Book of Canticles or The Song of Songs* p.7.

<sup>72</sup> M. H. POPE, op. cit., p. 92.



A segunda hipótese busca uma explicação para o caráter canônico do Cântico dos Cânticos no seu uso na celebração da Páscoa, como um das "*meguilot*". Entre as cinco *meguilot* que acompanham o Cântico dos Cânticos, estão outros dois textos atribuídos a Salomão (Provérbios e Eclesiastes). A associação do Cântico dos Cânticos à Páscoa, segundo Brenner, poderia advir da sua menção à primavera, que coincide com a época da festa. A união da Páscoa com o Cântico dos Cânticos poderia ter raízes pré-talmúdicas, mas não se encontra nenhuma evidência desta prática dentro ou fora do texto, a não ser no Tratado Soferim ("Escribas"), que é um dos tratados menores da literatura talmúdica e data da metade do século 8º da nossa era<sup>73</sup>.

### 6.1.3 Salomão como figura canonizante do Cântico dos Cânticos

A terceira hipótese parte da figura de Salomão, que é mencionada cinco vezes no Cântico dos Cânticos (Ct 1,1.5; 3,7.9.11; 8,11) além do título. Poderia isso, aliado à fama de Salomão como poeta e sábio (1 Rs 4,32), ter dado a autoridade necessária para a canonização destes poemas, como aconteceu com Coélet e outros escritos sapienciais? Esta possibilidade não pode ser negada totalmente, mas assume um caráter limitador de sentido quando se torna "salomonização" do Cântico dos Cânticos<sup>74</sup>. Brenner entende que a menção a Salomão teve uma função autoritativa que precedeu à leitura alegórica, mas que a popularidade do Cântico dos Cânticos também pode ter sido determinante para sua aceitação como texto sagrado<sup>75</sup>.

A inclusão de Salomão, em Ct 1,1, corresponderia a uma prática comum no pós-exílio onde cresceu o mito do sábio Salomão. Porém as outras cinco menções do rei, algumas das quais são críticas, não se explicariam apenas como pseudo-epigrafia. Teriam todas elas existido antes ou apenas as críticas? Será que posteriormente se fez necessário exaltar a imagem do rei sábio, dedicando-lhe toda a coleção de poemas de amor? Tudo indica que, na última fase do processo textual de canonização, o nome de Salomão exerceu uma importante influência e, no período pós-redacional, essa tarefa passou para a leitura alegórica.

### 6.1.4 A canonização do Cântico dos Cânticos sob influencia das alegorias proféticas

Muitos comentários usam recursos textuais, como Oséias 1-3 e Isaías 62.3-5, para explicar o caráter sagrado do Cântico dos Cânticos. Este tipo de interpretação mesmo quando admite um significado original ligado às práticas da fertilidade, o nega imediatamente, alegando que tais traços culturais deveriam ter-se perdido fazendo possível sua canonização<sup>76</sup>.

A ligação canônica entre o Cântico dos Cânticos e textos proféticos deve ser desconstruída. Essa discussão deve sair do campo da canonicidade, pois aí se

<sup>73</sup> A. BRENNER. op. cit., p. 24 e 94.

<sup>74</sup> J. SNAITH, op. cit., p.4.

<sup>75</sup> A. BRENNER, op. cit., p. 25.

<sup>76</sup> Idem, p. 96.



transformam em uma prática castradora de sentido. No entanto, no campo da intertextualidade, como será visto mais adiante, é possível discutir a relação entre o Cântico dos Cânticos e a literatura profética através da análise crítica e potencializadora de sentidos.

### **6.1.5 O processo de canonização a partir da cultura oral e dos cultos da fertilidade**

Um representante clássico desta hipótese é Meek, que, conforme Pope, faz uma leitura mítica do Cântico dos Cânticos, ligando-o tanto ao culto de Tamuz-Adonis quanto à adoração do Deus de Israel. Para Meek, com o passar do tempo estas poesias cúlticas de adoração teriam sido adaptadas a diferentes condições teológicas e culturais, até que seu sentido original pudesse ser assimilado dentro do culto a Javé. No entanto, em alguns círculos, teria continuado ligado aos ritos de fertilidade da primavera<sup>77</sup>.

Essa possibilidade carrega um grande potencial desconstrutivo, não só para a interpretação do Cântico dos Cânticos como para a abertura de novos horizontes na teologia bíblica em geral. Também aponta para a necessidade da mudança do eixo da discussão da relação da literatura bíblica com a cultura do Antigo Oriente, que tende a ser menos filológica e a se voltar mais para o antropológico e cultural. Dentro desta linha de pesquisa, também se deve incluir a poesia agrícola popular cananéia.

A hipótese de uma assimilação de poesias sagradas da fertilidade pode também ser alicerçada histórica e antropológicamente no papel da cultura camponesa feminina na formação de Israel.

### **6.6 A importância do processo de canonização para a hermenêutica**

Discutir o status canônico do Cântico dos Cânticos é entrar num dos mais hipotéticos campos da pesquisa. Pela mesma razão, uma leitura que usa estas hipóteses como critérios hermenêuticos fechados, como aquela defendida por Childs<sup>78</sup>, e por outros citados anteriormente na pesquisa latino-americana, carrega o perigo de usar um estereótipo conveniente à manutenção do *status quo* teológico, desenhado em determinadas academias bíblicas, e pela fidelidade a definições doutrinárias conservadoras.

A canonicidade como teoria fechada se desconstrói a si mesma. As interpretações ao tratar deste assunto, usam em geral adjetivos como "problemático", "obscuro", "com dificuldades", "impossível de determinar", como os usados por Murphy<sup>79</sup>. Mas o peso de outras palavras como "sagrado", "sexual", "feminino", "masculino", etc. se torna presente no inconsciente e questiona quando o/a leitor/a se vê diante de palavras lideradas por mulheres e embriagadas de paixão. Parece que há um cânon implícito, que não deixa ler com total liberdade o que o Cântico dos

<sup>77</sup> Marvin POPE. *Song of Songs*, p. 148s.

<sup>78</sup> B. S. CHILDS – *Introduction to the Old Testament as Scripture*, p.66ss (entre outras obras).

<sup>79</sup> R. MURPHY, op. cit., p. 4-7.



Cânticos expressa com tanta naturalidade. Um cânon implícito no senso comum diz que o que está na Bíblia tem que ser patriarcal e não pode envolver a exaltação da sexualidade, mas só a regulamentação da sexualidade; e toda essa carga se torna um obstáculo, às vezes inconsciente, para a leitura e compreensão do Cântico dos Cânticos.

## 7. Desconstrução da hermenêutica intertextual no Cântico dos Cânticos

O conceito de hermenêutica intertextual é bem definido por Croatto, que afirma que intertextualidade é um processo no qual “a produção de sentido se modifica (...) sucessivamente, à medida em que um texto entra no outro texto”<sup>80</sup>. Uma das formas mais tradicionais de produzir sentido no Cântico dos Cânticos a partir de outros textos coloca estes poemas dentro da divisão tripartida da Bíblia Hebraica Massorética: a *Torah* (Lei ou Pentateuco); os *Nabiim* (Profetas, que incluem também a historiografia) e os *Ketubim* (Escritos, o que reúnem uma grande diversidade de textos de poesia, sabedoria e profecia tardia). O Cântico dos Cânticos encontra-se no último grupo<sup>81</sup>.

Os *ketubim* foram os últimos a ser canonizados; por isso, o lugar do Cântico entre os “escritos”, segundo Brenner, só serve para demonstrar sua composição final tardia. Ou seja, o fato do Cântico dos Cânticos estar entre os *ketubim* não se constitui em um critério sólido de intertextualidade.

### 7.1 O Cântico dos Cânticos e a literatura profética

Pelletier descreve bem este tipo de hermenêutica intertextual, defendida fortemente na academia bíblica francesa de Robert Feuillet e outros. Estes autores partem dos termos nupciais usados no livro dos profetas Oséias, Jeremias, Ezequiel e Dêutero-Isaías para descrever a relação entre Deus e Israel. A partir destes paralelos, fazem o que poderia se chamar de uma leitura hiperbólica, ou alegórico-profética, do Cântico dos Cânticos. Pelletier entende que, deste ponto de vista, “a intenção implícita do poema [Cântico dos Cânticos] seria precisamente relembrar a experiência do cativo na Babilônia, seguido da libertação e volta de Israel, tal como se encontra anotada, anunciada e comentada nos textos proféticos”<sup>82</sup>.

Brenner entende que a profecia que usa a “hipérbole de amor” (*the love hyperbole*), registrada por Oséias, Jeremias, Ezequiel 16, Deutero-Isaías ( 50,1s e 54) e Trito-Isaías (Is 62), desenvolve uma linguagem “explicitamente sexual, vulgar e abertamente sexista” (“*the language is explicitly sexual, vulgar, and openly sexist*”). Segundo Brenner, o Deus amante das metáforas proféticas é colocado diante de mulheres tratadas como prostitutas, adúlteras e merecedoras do escárnio público, e que acabam se arrependendo e se voltando para Deus por medo do julgamento. No entanto, esse conteúdo pode ser considerado diametralmente oposto à forma como atuam, falam e se apresentam as mulheres no Cântico dos Cânticos.

<sup>80</sup> Severino CROATTO. *Hermenêutica Bíblica*, p.49.

<sup>81</sup> Marvin POPE. *Song of Songs*, p.18. Roland MURPHY. *The Song of Songs*, p. 6.

<sup>82</sup> Anne Marie PELLETIER *O Cântico dos Cânticos*, p.37.



Partindo da contra-hipótese de Brenner, Setel, Van Dijk e Bekkenkamp, é possível desconstruir a relação intertextual entre o Cântico dos Cânticos e as imagens do relacionamento mulher-homem nos profetas, buscando nas poesias de amor as fontes da profecia, e não ao contrário. Demonstra-se também que é possível simplesmente omitir a referência intertextual profética, quando o interesse é unicamente compreender a poesia de amor no Cântico dos Cânticos, já que ela seria tradicionalmente anterior e independente <sup>83</sup>.

### 7.3 O Cântico dos Cânticos e a literatura sapiencial

Considerar o Cântico dos Cânticos como parte da literatura sapiencial é uma hipótese ainda bastante comum nos comentários. O Cântico dos Cânticos, como foi mencionado antes, é um dos *ketubim*, e dentro deste grupo de livros se encontram os textos sapienciais atribuídos a Salomão. Assim, as menções a Salomão indicariam que se está, como entende Childs, diante de “uma reflexão sapiencial da maravilhosa e misteriosa natureza do amor entre um homem e uma mulher dentro da instituição do matrimônio” <sup>84</sup>.

Para exemplificar a relação entre o Cântico dos Cânticos e a sabedoria, Ravasi usa referências intertextuais dêuterocanônicas como Sabedoria 8,2 e Eclesiástico 47, 14-17, onde se descreve a relação entre a Sabedoria e o Sábio como sendo de duas pessoas apaixonadas <sup>85</sup>. Esta teoria, segundo Pope, se constrói através do conceito de *Shekinah*, que é “um termo pós-bíblico usado frequentemente na literatura rabínica para marcar a presença divina na terra”. A *Shekinah* corresponderia ao “alter ego feminino de Deus” e se apresentaria, na literatura sapiencial, como uma personificação feminina de “qualidades ou aspectos divinos” <sup>86</sup>.

O rabino Patai usa também o conceito de *Shekinah*, e mergulha mais fundo dentro da leitura cabalística do Cântico dos Cânticos, no estudo que intitulado “*The Hebrew Goddess*” ( A Deusa Hebraica ) <sup>54</sup>. No entanto, a personificação feminina da sabedoria é uma tendência claramente masculina e, mesmo que seja contemporânea à redação final do Cântico dos Cânticos, como será discutido a seguir, não é possível fazer uma conexão direta entre ambas as questões.

Murphy aponta para a grande diferença entre o moralismo sexual dos textos sapienciais e a forma como se apresenta a sexualidade no Cântico dos Cânticos.

A literatura sapiencial no AT e nos textos paralelos do Oriente Antigo, a despeito de que possa ter existido outra, trata a mulher real como uma ameaça. Na *Teodicéia babilônica* existe uma afirmação que parece um provérbio: “A mulher é um poço, uma adaga de ferro, uma adaga afiada que corta o pescoço do homem” <sup>87</sup>. O livro de

<sup>83</sup> J. BEKKENKAMP & F. VAN DIIJK O Cânon do Antigo Testamento e as tradições culturais das mulheres. *Cântico dos Cânticos, a partir de uma leitura de gênero*, p.77.

<sup>84</sup> B. S. CHILDS. – *Introduction to the Old Testament as Scripture*, p.575. MURPHY, Roland E. – *The Song of Songs*. A commentary on the Book of Canticles or The Song of Songs, p. 99.

<sup>85</sup> RAVASI, G. Cântico dos Cânticos. Pequeno Comentário Bíblico AT, p.17

<sup>86</sup> Marvin POPE. *Song of Songs*. The Anchor Bible, p.158-179.

<sup>87</sup> BROWN, E. Raymond; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. – *Comentário Bíblico “San Jerónimo”*, p. 403 (ANET 438).



Provérbios elogia a mulher quando é boa administradora da “casa”, olhada pela perspectiva do seu marido e dos outros homens (Pr 12,4; 14,1; 19,14 entre outros), mas a condena quando é estrangeira e portanto não submissa ao poder patriarcal (Pr 2,16; 5,3), e quando assume autonomamente sua sexualidade é chamada de adúltera ou prostituta (Pr 6,26) e, mesmo quando se destaca pela sua beleza, personalidade expansiva ou por ter opiniões próprias, é vista como ameaça (Pr 9,13;11,22; 21,19;25,24 ).

A ligação entre o Cântico dos Cânticos e a literatura sapiencial pode, no máximo, ser cronológica na medida em que sua redação final<sup>88</sup>, coincide possibilitando a existência de elementos comuns, como a atribuição a Salomão, e algumas formas de linguagem, como acontece em relação a Coélet<sup>89</sup>.

### 7.4 Um “midrash” de Gn 2-3?

Na leitura feminista do Cântico dos Cânticos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, esta forma de interpretação é muito difundida e não se apresenta ligada à questão do caráter sapiencial do Cântico dos Cânticos. A intenção das biblistas feministas é contrapor à teologia anti-feminina de Gn 2-3 uma nova teologia que redima ou resgate o corpo feminino como portador de bênçãos<sup>90</sup>. Esta intencionalidade faz que a sua leitura intertextual relacione o Cântico dos Cânticos com o segundo e terceiro capítulos de Gênesis, isto é, o segundo relato da criação, e não com o primeiro relato (Gn 1,1-2,4<sup>a</sup>). Tribble resume sua abordagem indicando que Gn 2-3 é a chave hermenêutica para destrancar o jardim do Cântico dos Cânticos<sup>91</sup>.

Pode-se notar que há um acento fortemente semântico neste tipo de análise intertextual. A abordagem antropológica vem como um aparelho auxiliar<sup>92</sup>. Primeiro se traçam as pontes semânticas que ligam o Cântico dos Cânticos a Gênesis 2-3 (como homem, mulher, jardim, etc). Conforme Landy, o clímax do Cântico dos Cânticos, assim como seu centro, é dado pelo fogo, que evidencia a tensão dialética entre imanência e transcendência, onde se realizam as “antinomias da narrativa de Gênesis – masculino/feminino, terrestre/celeste, humano/divino”<sup>93</sup>.

Pope vê com reservas a intencionalidade de demonstrar a relação antitética, que Tribble defende, entre Gn 2-3 e o Cântico dos Cânticos, a qual poderia ter levado a forçar o sentido semântico de ambos textos. Na verdade, Tribble faz uma nova construção e derruba as bases dogmáticas usadas como ponte entre a sexualidade etiológica e predominantemente masculina de Gênesis, e a sexualidade celebrativa e predominantemente feminina do Cântico dos Cânticos.

<sup>88</sup> BROWN, E. Raymond; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. – *Comentário Bíblico “San Jerónimo”*, p.392-393.

<sup>89</sup> R. MURPHY– *Song of Songs*, p. 74.

<sup>90</sup> Phyllis TRIBLE. A Lírica do Amor Redimido. *Cântico dos Cânticos, a partir de uma leitura de gênero*, p.113-114.

<sup>91</sup> Id. *ibid.*

<sup>92</sup> Idem, p.150.

<sup>93</sup> Idem, p.157. - M. POPE, op. cit., p.136s.



A discussão estabelecida entre a teologia da relação mulher-homem de Gênesis 2-3 e da sexualidade no Cântico dos Cânticos parece carecer de claras evidências textuais. De fato, existem paralelos semânticos, o que poderia estar indicando uma linguagem originária comum, já que tanto o Cântico dos Cânticos quanto as etiologias de Gênesis têm paralelos culturais em outros textos do Antigo Oriente<sup>94</sup>. No entanto, o tratamento destes termos no Cântico dos Cânticos não parece indicar a intenção de se opor ao segundo relato da Criação, nem de confirmá-lo. Quando se trata, então, de Gn 1,1- 2,4a, só é possível uma ligação teológica porque textualmente ela é ainda mais distante.

Este tipo de conexão intertextual não deveria funcionar como chave de leitura, pois tende a instrumentalizar e universalizar excessivamente o Cântico dos Cânticos de cima para baixo, fazendo-o entrar, já no primeiro momento da sua interpretação, na discussão teológica entre o patriarcal ou despatriarcalizado, entre o androcêntrico e o antropocêntrico ou biocêntrico, ou em relação à sexualidade humana.

### **7.5 Uma via traditiva para a compreensão da intertextualidade no Cântico dos Cânticos**

Bekkenkamp e Van Dijk, que podem ser consideradas pioneiras neste tipo de pesquisa, procuraram as evidências da poesia feminina hebraica dentro do AT e suas conexões com os poemas do Cântico dos Cânticos. Para isso, fizeram um estudo, que não deixa de ser de corte desconstrutor, partindo das leituras contemporâneas, da literatura feminina contemporânea, da criação da literatura feminina no AT e, finalmente, chegando às relações entre todos esses elementos<sup>95</sup>.

As descobertas da pesquisa de Bekkencamp e Van Dijk podem ser resumidas nos seguintes itens: a cultura feminina geralmente é oral, de cânticos em geral ( há uma única referência a uma mulher que escreve, 1 Rs 21,8); de cânticos de lamentação entoados por mulheres que acompanhavam eventos religiosos e políticos (Jz 11,39<sup>a</sup>-40; 2 Sm 1,20.24; Jr 9,16b-17.19; Ez 32,16); de cânticos de triunfo com evidências antes e depois da monarquia (Jz 5; Êx 15,20-21; 1 Sm 18,6-7), de canções de amor (Cântico dos Cânticos), de festividades (Jz 21,21) e de nascimento (Cântico de Ana, 1 Sm 2,1-10 ). No entanto, pouco foi preservado em relação ao conteúdo da poesia feminina hebraica no AT, e por essa razão o Cântico dos Cânticos e o Cântico de Débora são os textos que melhor refletem a tradição oral de cânticos de mulheres<sup>96</sup>.

### **7.6 Os desafios deixados pela desconstrução da hermenêutica intertextual do Cântico dos Cânticos**

<sup>94</sup> Marvin POPE. *Song of Songs*, p.54-85.

<sup>95</sup> J. BEKKENKAMP e F. VAN DIJK, op. cit., p. 75.

<sup>96</sup> Id. *ibid.* - A. BRENNER, Mulheres poetisas e escritoras. *Cântico dos Cânticos, a partir de uma leitura de gênero*, p.97-109.



Dentro deste campo, faz-se necessário separar o teológico do textual. De fato, ambas as coisas são hermeneuticamente interdependentes. No entanto, a teologia do Cântico dos Cânticos tem resistido aos padrões dominantes desde os primórdios da história da sua interpretação. A intertextualidade, como foi discutido nos exemplos apresentados anteriormente, leva, em geral, para a teologização indireta do Cântico dos Cânticos através de textos sapienciais, proféticos, historiográficos ou etiológicos. Assim, os outros textos são usados para acrescentar o sentido teológico aparentemente ausente no Cântico dos Cânticos, que passa a ser entendido sob o crivo de uma teologia importada. Este tipo de interpretação, por ser fortemente teológica, faz descobertas importantes na área da teologia, mas mantém o Cântico dos Cânticos preso e dependente.

### 8. Desconstrução das interpretações da participação feminina no Cântico dos Cânticos

Schwantes indica que a maioria dos versículos do Cântico dos Cânticos são "palavra de mulher"<sup>97</sup>. Isso significa que o novo enfoque da sexualidade que transparece nestes poemas tem sua origem na poesia feminina, e não apenas em uma poesia romântica de casais apaixonados<sup>98</sup>.

Dentro da pesquisa latino-americana, Andiñach defende contundentemente a participação destacada das mulheres no Cântico dos Cânticos. Para ele, a maior parte destes poemas expressa a vivência da sexualidade de mulheres, celebrada e sistematizada também por mulheres. Neste sentido, a defesa da autoria feminina do livro é um argumento que se soma ao conteúdo do próprio livro levando Andiñach a concluir que "o Cântico deve ser lido em chave feminina"<sup>99</sup>.

Correia da Silva, dentro de uma abordagem do Cântico dos Cânticos a partir do corpo, indica que a mulher ou as mulheres tomam a iniciativa no Cântico dos Cânticos, e que, nestes poemas, o amor é oferecido pela mulher ao homem, e não ao contrário. E conclui afirmando que "isto rompe com o aspecto da cultura semítica segundo o qual o homem era o sujeito de tudo"<sup>100</sup>.

Valmor da Silva cita a estatística, cuja análise mais detalhada será feita adiante, que mostra que, enquanto 60 versículos do Cântico dos Cânticos são pronunciados por mulheres, só 36 são pronunciados por homens<sup>101</sup>.

Asensio, pesquisador europeu, entende que no Cântico dos Cânticos há uma presença feminina maior à registrada nas sociedades do Antigo Oriente e na sociedade patriarcal israelita, concluindo que nestes poemas "o amado empalidece; ela é a autêntica protagonista"<sup>102</sup>.

<sup>97</sup> M. SCHWANTES. *'Debaixo da macieira'*, p.45-46.

<sup>98</sup> J. BEKKENKAMP e F. VAN DIJK. *O Cânon do Antigo Testamento e as tradições culturais das mulheres*, p.88-89

<sup>99</sup> P. ANDIÑACH. *Cântico dos Cânticos*, p.45.

<sup>100</sup> J. W. CORREIA DA SILVA. *A beleza do corpo*, p.44

<sup>101</sup> V. DA SILVA. *Amor e natureza no Cântico dos Cânticos*, p.31 (citando RAVASI). Marvin POPE, op.cit. p.29. Athalia BRENNER *Mulheres poetisas e escritoras*, p.99.

<sup>102</sup> V. M. ASENSIO. *Livros Sapienciais e outros escritos*, p.406.



Brenner destaca poemas e versículos que, na sua análise, contêm claramente o ponto de vista masculino (1,8-11.15; 2,14; 4,1-5.7-15; 5,1; 7,1-10) e outros que estão indefinidos (6, 4-10.12). No entanto, para Brenner, as vozes femininas equivalem a 53% do texto, as masculinas a 34% e as 13% restantes dividem-se em: 6% para coros e 7% dúbias (incluindo títulos e frases ambíguas). Destaca também partes, segundo ela, tão tipicamente femininas que não poderiam ter sido elaboradas por homens (1,2-6; 3,1-4; 5,10-16). Brenner entende que a participação feminina vai além da formulação de uma hipótese autoral, e convida a conferir o espírito feminino e a experiência feminina que predominam no Cântico dos Cânticos<sup>103</sup>.

## 8.1 As figuras femininas no Cântico dos Cânticos

O universo feminino no Cântico dos Cânticos não se resume a uma única figura feminina. A participação feminina é liderada pelas mulheres que expressam diretamente seu amor. Junto a estas participantes principais está a coparticipação de outras figuras femininas que se apresentam em duas formas: as que observam o amor e o celebram (filhas de Jerusalém ou Sião) e as mães<sup>104</sup>.

## 8.2 Interpretando as auto-apresentações das mulheres que amam

As auto-apresentações da mulher que ama carregam uma diversidade de experiências que já aponta para um contexto mais camponês do que urbano. Mas, nestes textos, a intencionalidade das mulheres parece ser mais a de evidenciar que elas possuem poder (1,5; 8,10<sup>a</sup>). Este é um poder próprio e suficiente para se opor aos que as impedem de realizar os seus desejos (1,6 e 8,10b) e capazes de alcançar o que buscam em toda sua plenitude (o prazer e a paz).

Nestas apresentações, elas vão além do que hoje se chamaria "auto-estima", pois a mulher não só se vê a si mesma como bela e pujante, mas sente-se poderosa. É este poder que o Cântico dos Cânticos transpira através da voz das mulheres que, para alguns intérpretes, pode soar ameaçador.

## 8.3 Mulheres que amam: camponesas ou cortesãs

Os comentários latino-americanos, que admitem uma participação destacada de mulheres no Cântico dos Cânticos, apontam para uma camponesa ou camponesas. Os argumentos a favor desta abordagem nascem da predominância de imagens ligadas ao trabalho e a produção no campo (vinhas, rebanhos, frutos) e a visão negativa da vida na cidade (3,1-4 e 5,2-7)<sup>105</sup>, entre outros.

Os comentários que entendem estes poemas como produto do pós-exílio, e defendem a hipótese de um cenário palaciano para as poesias do Cântico dos Cânticos.

<sup>103</sup> A. BRENNER. op.cit. p.99-102

<sup>104</sup> N. CARDOSO. *Ah!...Amor em delícias!*, p.54.

<sup>105</sup> N. CARDOSO. *Amor em chamas*, p.93. José Wilson C. da SILVA. *A beleza do corpo*, p.16.



Brenner propõe um universo de 61 e 1/2 , versículos atribuídos às vozes femininas no Cântico dos Cânticos. A este universo pareceu-lhe por bem acrescentar Ct 2,14<sup>106</sup>, somando assim 62 e 1/2 versículos. Ao classificar estes versículos nos três grupos propostos, chega-se ao seguinte resultado: 41 correspondem ao campo (65,6%) e 21 e 1/2 (34,4%) à cidade. No entanto, dentro do contexto citadino, 10 têm uma visão negativa da vida na cidade<sup>107</sup> (destacados dentro do esquema em negrito) e os 11,e 1/2 restantes transmitem uma imagem positiva da vida na cidade. Somando as imagens do campo e as experiências negativas na cidade, pode-se afirmar que 84% dos versículos avalizam a possibilidade de mulheres camponesas serem as participantes principais do Cântico dos Cânticos, contra 16% que expressariam a experiência de mulheres urbanas (principalmente mulheres da corte ou do palácio).

### 8.5 As experiências urbanas negativas: mulher vs. cidade e cidade vs. mulher

Se é possível entender que as mulheres que amam no Cântico dos Cânticos são camponesas, as imagens negativas da vida na cidade mostram que elas não desconhecem o meio urbano. Elas parecem ter a cidade gravada na sua memória vivencial: rei, guardas, portas com fechadura, grades, praças e ruas estreitas.

Em 3,1-4, a construção é mais simples, porém deixa claro que à noite, na cidade, ela está sozinha. Na cidade, ela se desespera e vaga pelas ruas e praças. Poderia ser este um sinal de mulheres submetidas à prostituição forçada na cidade? Andiñach afirma que, se comparada com 5,7, podia ser tomada como uma prostituta que é violentada pelos guardas<sup>108</sup>.

Em 3,3-4, os guardas não são acusados de nada, porém nada têm a ver com seu amado. Este amado não pode ser da cidade nem alguém, como o rei, conhecido pelos guardas. O amado é achado além do alcance dos guardas! Ele será levado por ela para a casa da mãe dela, este é seu lugar seguro. Esta casa não pode ser na cidade, pois ela nunca diz que antes se encontrava na casa da sua mãe; ela se encontra em um quarto, trancafiada, sozinha. Também a casa da mãe dele fica fora da cidade, lá, debaixo da macieira (8,5b). Por isso, a mulher que ama quer sair da cidade junto com seu amado! Sair fora da violência e da confusão do meio urbano, longe das ameaças, dos perigos e dos desencontros.

Os perigos que correm as mulheres camponesas nas cidades estão presentes em outros textos bíblicos que, mesmo passando pelo crivo patriarcal, preservaram a

<sup>106</sup> Pablo ANDIÑACH . *Cântico dos Cânticos, fogo e ternura* também apresenta o versículo 14 como parte do conjunto (p.13,68-69). Mas o mesmo autor informa que o Ritual Romano para casamento e, no que ele chama equivocadamente, “Livro de Liturgia Comum” da Igreja Anglicana (cujo nome certo é Livro de Oração Comum ou em inglês Book of Common Prayer) aparecem duas passagens 2,1-13 e 8,6-7 (p.40). Tem-se então uma outra pista para a exclusão de 2,14 o que pode atender à simples finalidade de terminar com o chamado à “noiva” no segundo refrão da poesia.

<sup>107</sup> Elsa TAMEZ. *Un nuevo acercamiento al Cantar de los Cantares*, p.30-31. A autora resume a pesquisa de M. Falk em “Love Lyrics from the Bible: A translation and literary study of the Song of Songs” 1982.

<sup>108</sup> P. ANDIÑACH, op. cit., p.78-79.



memória agropastoril feminina contra as cidades ( Gn 12,10-13; 19,4-8; 20,1-2; 26,7).

Com isto fica, do ponto de vista desta pesquisa, afastada a idéia da origem urbana para os poemas do Cântico dos Cânticos. O Cântico dos Cânticos chega à Bíblia pela mão de mulheres camponesas, através da suas tradições culturais, políticas e sociais. No entanto, isto não elimina a possibilidade da presença de elementos urbanos nas interpretações das figuras femininas co-participantes, especialmente as filhas de Jerusalém.

### 8.6 As figuras femininas co-participantes

As mulheres co-participantes se manifestam nos poemas do Cântico dos Cânticos de duas formas: como filhas de Jerusalém (um vez chamadas "filhas de Sião - Ct 3,11a), e como mães (a mãe da mulher que ama, e menos freqüente a mãe do amado).

As primeiras co-participantes são mulheres que observam<sup>109</sup>, celebram e incentivam o amor; elas se manifestam sempre de forma coletiva e são convidadas a participar pelas mulheres que amam.

#### 8.6.1 As filhas de Jerusalém a partir do contexto pós-exílico

A presença das filhas de Jerusalém indicam uma fase final de compilação dos poemas, conferindo-lhes uma estrutura em cinco partes<sup>110</sup>.

As filhas de Jerusalém podem ser o sinal do contexto da redação final pós-exílica do Cântico dos Cânticos, quando o sistema sacerdotal de pureza e impureza atingiu fortemente as camadas mais pobres da sociedade judaica. As mulheres carregaram mais pesadamente este fardo, pois eram oprimidas, primeiramente, junto com os homens, por serem pobres - como parte de famílias camponesas não ligadas à nova elite de Jerusalém; em segundo lugar, eram oprimidas por serem mulheres e sofrerem a repressão sacerdotal nos seus corpos, ao serem condenadas como impurezas a menstruação, a sexualidade e a gravidez (Lv 15)<sup>111</sup>; e eram oprimidas de forma tríplice quando estrangeiras (Esd 9-10).

No segundo diálogo, as mulheres consomem sua aliança solidária<sup>112</sup>: "Para onde foi teu amado...para que nós o procuremos contigo?" (6,1). Procurar o amado é procurar a liberdade de amar, apesar das dificuldades oferecidas pela cidade opressora. Agora todas ganharam a consciência que lhes permite participar da mesma luta! Um luta cheia de obstáculos e difícil mas que vale a pena!

<sup>109</sup> E. TAMEZ. *Para una lectura lúdica del Cantar de los Cantares*, p.4.

<sup>110</sup> V. da SILVA, op. cit., p.32. - M. SCHWANTES, op. cit., p.41.; entre outros.

<sup>111</sup> N. CARDOSO, op. cit., p.52.

<sup>112</sup> V. DA SILVA, op. cit., p.32.



### 8.6.2 Descobrimo as possibilidades hermenêuticas da "casa da mãe"

A "casa da mãe" aparece inocentemente dentro dos poemas do Cântico dos Cânticos, podendo até passar despercebida em uma leitura superficial. À sombra desta expressão ficou a imponente "casa do pai" (betav), que era uma consagrada estrutura sócio-econômica e política desde o período tribal<sup>113</sup>. A casa do pai determinava a identidade e a herança de um grupo ou clã. Como descreve Meyers: "era a unidade econômica e social primária durante o período de formação da existência israelita e continuou depois como a principal estrutura de referência para a vida familiar"<sup>114</sup>.

### 8.6.3 A teologia do Cântico dos Cânticos como desafio para a interpretação das figuras maternas

A menção exclusiva das mães leva também para uma referência teológica quase inevitável às deusas da fertilidade, ou, especificamente, à Deusa Mãe, presente em todas as culturas do Antigo Oriente. As referências às deusas estão presentes em todos os cantos de amor, desde a Índia até o Egito. Existem várias possibilidades de identificação da Deusa Mãe dentro do texto do Cântico dos Cânticos: na atuação do coral das filhas de Jerusalém, nos elementos da natureza (lírios, árvores sagradas, gazelas, etc.)<sup>115</sup>. No entanto, não seria este o momento de revisar, conforme faz a leitura mítica, todas essas possibilidades. Sabe-se, sim, que existia um misticismo da fertilidade que se deveria considerar especialmente em relação às figuras maternas, como presença protetora e legitimadora do amor no Cântico dos Cânticos<sup>116</sup>.

Uma das pistas do vínculo entre mãe e a divindade pode estar na junção mãe-casa-árvore (8,2.5). Uma gravura egípcia pintada no túmulo de Tutmoses III no Vale dos Reis entre 1502 e 1448 a.C. mostra um homem mamando do grande seio da Deusa Mãe-Árvore<sup>117</sup>, outras evidências são dadas por inúmeros ícones da Deusa Mãe onde se destaca o tamanho dos seus seios<sup>118</sup>. As árvores eram o lugar preferencial dos cultos da fertilidade em Israel desde seus primórdios, como mostram alguns textos bíblicos, como Gn 18,18; Jz 4,5; 1 Rs 14,23, entre outros, além de evidências arqueológicas diversas<sup>119</sup>.

O ethos materno pode significar, mais do que um lugar de resistência social e econômica, uma referência teológica feminina. Em vários momentos, a mulher que ama invoca o poder materno (3,4b; 8,1a .5b). Como indica Valmor da Silva, a figura

<sup>113</sup> J. W. CORREIA DA SILVA, op. cit., p. 43.

<sup>114</sup> C. MEYERS. *Imaginário de Gênero no Cântico dos Cânticos*, p.235.

<sup>115</sup> M. POPE, op. cit., p.67s.e 145-152.

<sup>116</sup> Rosemary RUETHER. *Sexismo e Religião*, p.39-41. Na opinião da autora, a teologia judaico-cristã valeu-se de subsídios das religiões do Oriente Próximo.

<sup>117</sup> Othmar KEEL. *The symbolism of the biblical World*, p. 186, figura 253.

<sup>118</sup> G.E. Wright. *Biblical Archaeology*, p. 117. *Archaeology of the Land of the Bible*, p.501.

<sup>119</sup> *Enciclopedia Biblica* p.2065. Amihai MAZAR. op. cit, p.350, 380 figura 9.7.



da mãe está sempre ligada ao ato de conceber, gerar, amamentar, sempre como protetora do amor<sup>120</sup>.

É possível ver que, no Cântico dos Cânticos, há uma assimilação quase natural do caráter materno de Deus, presente na cultura do Antigo Oriente, que tem a função de acompanhar e conferir poder ao sonho de amor, de justiça e paz, tanto da mulher camponesa, desde tempos imemoriais, quanto das mulheres do pós-exílio que lutavam contra o poder opressor dos sacerdotes do segundo Templo de Jerusalém.

### **9. Novas perspectivas de leitura a partir da desconstrução das interpretações do Cântico dos Cânticos**

As novas perspectivas de leitura do Cântico dos Cânticos apresentam também algumas respostas parciais, que poderão desafiar leituras futuras:

- a) Cântico dos Cânticos têm sua origem e reflete predominantemente a vida de mulheres camponesas, seus desejos, e sua espiritualidade a partir do contexto cultural comum aos povos do Antigo Oriente, e depois dentro de formas adaptadas e assimiladas através dos cultos e das lideranças femininas em Israel.
- b) O Cântico dos Cânticos reúne também a experiência de mulheres que sofreram o tributo e a discriminação, especialmente durante a reforma político-teológica proposta pelo sistema de sacerdotal no pós-exílio (sendo em alguns casos triplicemente exploradas como camponesas, mulheres, e estrangeiras). Neste período, estes poemas assumiram o caráter de projeto subversivo de denúncia e resistência.
- c) A figura feminina materna, mesmo como co-participante, pode ser considerada como referência da divindade feminina ou do caráter feminino de Deus; desta forma poder-se-ia, em parte, entender a ausência da figura paterna e a possível menção da divindade em 8,6b.
- d) A voz masculina, na sua maior parte, é o reflexo das utopias das mulheres que amam. Neste sentido, pode-se dizer que as mulheres denunciam os homens reais, que exploram e oprimem, e cantam a utopia do amor com o homem ideal.

---

<sup>120</sup> V. da SILVA, op. cit., p.32.